Opinião – Rumo a 2014

Copa no Brasil, vitrine ou vidraça?

José Roberto Bernasconi
Presidente do Sindicato da Arquitetura e Engenharia (Sinaenco)

O BRASIL foi colocado diante de um leque de oportunidades ao ser escolhido pela Fifa como país sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. A escolha, porém, também coloca na mesa uma gigantesca soma de desafios. Nosso país voltará a sediar uma Copa do Mundo 64 anos após o maior evento esportivo mundial ter acontecido aqui (1950), o que dificilmente ocorrerá novamente neste século 21.

O principal repto lançado às diversas instâncias de governo e à iniciativa privada relaciona-se à capacidade de o Brasil superar as suas deficiências em diversas áreas, especialmente na infra-estrutura e, assim, transformar essa rara oportunidade em uma fantástica vitrine do país em escala planetária, deixando um legado positivo para cada uma das 12 cidades-sede da Copa e seus Estados. Essa herança positiva representará a renovação urbana das principais áreas metropolitanas brasileiras, melhorando e ampliando a infra-estrutura local, regional e nacional, e certamente permanecerá por décadas, mudando a fisionomia de nossos principais centros urbanos.

A Copa não é apenas o principal evento esportivo mundial; é essencialmente o maior evento midiático do planeta: estima-se que, durante a Copa de 2014, mais de 40 bilhões de espectadores assistam às transmissões dos jogos e demais eventos pela TV. O significado desse número é que, para cada pessoa sentada num estádio, outras 10 mil assistirão aos jogos pela TV, telões e internet.

A esses dados astronômicos, somam-se outros: mais de 20 mil profissionais da mídia cobrindo o evento, mais de 5.000 representantes da Fifa no congresso que ocorrerá na cidade-sede do jogo de abertura do campeonato, algumas centenas de convidados vips, entre outros. Estudos internacionais indicam que a realização de uma Copa incremente o PIB do país-sede em 4% no ano do evento.

O Campeonato Mundial de Futebol, além disso, representa a grande oportunidade de alçar as maiores marcas nacionais à escala global, algo que a Coréia do Sul, co-anfitriã do evento em 2002 junto com o Japão, fez com eficiência, transformando LG, Samsung e Hyundai, entre outras, em estrelas reconhecidas internacionalmente. Lista recente feita pela empresa especializada Interbrand indica que, dentre as dez marcas mais valiosas da América Latina, cinco são de bancos, quatro dos quais brasileiros: Itaú, Bradesco, Banco do Brasil e Unibanco. A Petrobras só aparece em sétimo lugar, a Vale do Rio Doce em 11º. A Natura, na 14ª posição, é a única marca de bens de consumo apontada pela pesquisa. A AmBev e a Brahma não integram a lista, em razão dos critérios adotados.

O Brasil, portanto, tem uma chance única neste início de século 21 de alçar ao palco internacional as marcas das suas principais empresas estatais e privadas – tais como, além das já citadas, Gerdau, Embraer, etanol/BR, café do Brasil, guaraná do Brasil , frutas e sucos naturais/BR, música e cultura de forma geral, beneficiando-se de forma duradoura desse megaevento – e de alterar radicalmente o seu panorama urbano. Para isso, porém, há uma palavra-chave: planejamento. E essa palavra, na realidade uma metodologia empregada com rigor há décadas pelas nações mais bem-sucedidas do globo, envolve todos os aspectos relacionados à Copa 2014.

Potencialidades

O tempo, embora aparentemente longo, é curto e joga contra o Brasil. Sem um planejamento rigoroso e que leve em conta as necessidades e deficiências de cada região, as exigências legais para a contratação de projetos e obras pelos poderes públicos, de acordo com a Lei de Licitações (8.666/93), o indispensável licenciamento ambiental para cada obra, o estabelecimento de recursos orçamentários prévios e, finalmente, a execução rigorosamente controlada de todas essas etapas, o relógio correrá ainda mais depressa e, quando a maioria da sociedade se der conta, já estaremos em 2013, podendo enfrentar um déficit de obras enorme. Esse filme já foi

> Só conseguiremos superar essas deficiências com planejamento e projetos que tragam benefícios concretos para o país pós-Copa

visto em 2007, quando da realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. Fizeram falta planejamento e estudos e projetos de engenharia e arquitetura de qualidade, contratados com antecedência. O resultado foi que o custo estimado para a realização dos jogos, inicialmente de R$ 414 milhões, foi multiplicado por nove e terminou em R$ 3,7 bilhões, 800% do que o previsto em 2002. E pior, deixando como legado obras como o Estádio João Havelange, o Engenhão, um "elefante branco" abandonado após o evento pela localização completamente inadequada e, posteriormente, "presenteado" ao Botafogo Futebol Clube, pela módica quantia de R$ 30 mil mensais de aluguel. A cidade praticamente nada ganhou com a realização dos Jogos Pan-Americanos, nenhuma área urbana foi reformulada ou renovada.

É importante lembrar que 2008 foi praticamente perdido em relação às etapas prévias – contratação de estudos e projetos de engenharia de qualidade, pela melhor técnica, para embasar o necessário planejamento e a licitação das obras exigidas em cada cidade e região, de acordo com suas vocações. Não basta, por exemplo, construir hotéis em Belo Horizonte para suprir uma de suas principais deficiências se não for desenvolvido planejamento estratégico que transforme a capital mineira em pólo de atração de eventos e de público. Por exemplo, passar a ser um centro nacional e internacional de pesquisas e estudos sobre mineração, siderurgia e metalurgia, gerando, assim, sustentabilidade e ocupação a esses centros de hospedagem. O mesmo raciocínio vale para as demais cidades candidatas a sediar chaves da Copa 2014. Esse planejamento permitirá desenvolver a necessária infra-estrutura geral para abrigar torcedores/turistas, profissionais da imprensa e convidados vips da Fifa e proporcionar atrações turístico/gastronômicas/culturais e de lazer de forma adequada, visando a tornar o Brasil conhecido internacionalmente e inserir nosso país na rota dos principais destinos de viagens do mundo.

Para superar a deficiência "estrutural" do país, a falta de uma cultura de planejamento, especialmente nas esferas governamentais, o Brasil precisará, em primeiro lugar, dedicar especial atenção às questões mais críticas de acordo com as exigências da Fifa. Entre elas, estão as necessidades relacionadas à acessibilidade (chegada e saída dos terminais aeroportuários, portuários, rodoferroviários), pólos de hospitalidade (hospedagem, gastronomia e lazer), estádios/arenas multiuso, mobilidade urbana e regional, infra-estrutura aeroportuária, energia elétrica, saneamento, segurança e limpeza pública.

Ensaio geral

É certo que só conseguiremos superar essas deficiências com planejamento, bons projetos de arquitetura e engenharia que embasem a contratação de obras necessárias, produzidas de acordo com um cronograma viável, e que tragam benefícios concretos para o país pós-Copa. Para isso, nada melhor que aproveitar as oportunidades de realizar "ensaios gerais" pelo país afora, entre as quais incluem-se a realização das chamadas Fan Fest. Essa denominação foi dada pela Fifa às reuniões da população em praças públicas para acompanhar os jogos diante de telões. As Fan Fest podem reunir um público muito maior do que os presentes aos estádios e requerem um cuidadoso planejamento dos locais em função de sua capacidade, da logística (acessibilidade e estacionamento), dos equipamentos de hospitalidade e da segurança.

As cidades brasileiras poderão realizar suas Fan Fest durante a Copa do Mundo de 2010, que acontecerá na África do Sul, e começar a superar suas deficiências. As Fan Fest, porém, exigem planejamento feito com antecedência – no caso, neste início de 2009, os prefeitos recém-eleitos ou reeleitos já devem começar a fazer sua lição de casa, com o auxílio e a integração com seus respectivos governos estaduais e o governo federal. Para anotar: esses prefeitos na realidade são os "prefeitos da Copa", pois mais de 80% das obras deverão estar concluídas ou em fase final de execução em 2012, quando se encerram seus mandatos. Em 2013, o Brasil sediará a Copa das Confederações, outro ensaio geral para a Copa 2014.

O Sinaenco, como sindicato que congrega mais de 18 mil empresas de arquitetura e de engenharia de projetos de todo o país, vem fazendo sua parte desde 2007, quando realizou e divulgou o *Estudo dos estádios brasileiros*, no qual avaliou, durante três meses, o estado de 27 estádios em 17 capitais brasileiras e em Santos-SP. Posteriormente, o sindicato vem desenvolvendo, desde o início de 2008, seminários intitulados "Os desafios para a Copa 2014", nos quais especialistas e autoridades discutem os problemas de cada região candidata a sediar uma chave da Copa. Já foram realizados nove seminários, em um ciclo de eventos que teve início em Salvador e já passou por Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Porto Alegre, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiânia e Curitiba.

Nosso objetivo tem sido procurar despertar a atenção de toda a sociedade brasileira, dos poderes públicos e dos empreendedores privados para que o Brasil não desperdice a melhor oportunidade deste século. Se, uma vez mais, perdermos esta chance, seremos a vidraça que será alvejada por todos. Mas temos confiança que seremos sérios, responsáveis e competentes, de modo que a Copa 2014 será realmente a nossa grande vitrine perante o mundo. E deixará como legado permanente um país muito melhor para as próximas gerações.

Os prefeitos recém-eleitos são os "prefeitos da Copa", pois mais de 80% das obras deverão estar concluídas ou em fase final de execução em 2012